

# 4<sup>a</sup> Parte

---

Discursos

# DISCURSO DE POSSE NA ACADEMIA DE LETRAS E CIÊNCIAS DE SÃO LOURENÇO – MG \*

*Maria Beatriz Rosário de Alcântara*

Senhora Presidente,  
Senhores Acadêmicos,  
Senhoras e Senhores;

Ingresso nesta Casa, a ***Academia de Letras e Ciências de São Lourenço***, na condição de membro honorário, cadeira número setenta, cujo patrono é o poeta mineiro **Djalma Andrade**, de Conselheiro Lafayete, trazida pelas mãos desta imbatível idealista, que é a Dra. Therezinha Alves de Almeida, membro fundador e atual presidente da ALECI-SL.

Neste momento, rejubilo-me, emocionada, de encontrar-me entre tantos valores culturais que impulsionam a Arte e a Cultura mineiras e que delas se tornaram guardiões, pois a elas aderiram com emoção e engenho no serviço da palavra, a Literatura.

Muito tenho pensado sobre a natureza da Poesia e a condição de poeta, ser humano comum, de idéias aparentemente comuns, mas anunciador da palavra de justa feição, que se transforma em arte, a Poesia.

Os críticos literários tratam o poema como um artefato acabado, suscetível de ser desmembrado, analisado, examinado por todas as formas, mas o autor, como ele se relaciona com sua obra? Sabemos que a poesia prescinde de estudos formais, revela-se mesmo nos recantos mais distantes e inóspitos do planeta e também independe do meio e de classes sociais. Isso não ocorre contudo com a produção de outros gêneros literários.

(\*) Discurso pronunciado em 13 de maio de 2000.

A um escritor de ficção jamais teria sido possível escrever um romance sem que, pelo menos, tivesse anteriormente lido um outro romance a lhe servir de referência.

Se tomarmos o ensaio como outro modelo de criação literária, facilmente se comprova que ele requer condições prévias ainda mais exigentes, não sendo passível de ser escrito senão por pessoas com acesso a um estudo formal superior das letras ou das ciências.

O poeta pode exercer seu ofício sem quaisquer ensinamentos, leituras ou afinidades eletivas poéticas, e aqui não necessitam ser nomeados alguns casos de poetas de poucas letras e muito pendor lírico, pois que cada um de nós não encontrará dificuldade em se lembrar de alguns do seu próprio conhecimento pessoal ou de domínio público.

A condição de ser poeta reside numa maneira aguda de olhar e sentir as coisas comuns, de sobre elas divagar, criar relações e construir uma expressão própria, única, absoluta. Engana-se quem se precipita e pensa que a verdade do poeta é individual, uma cópia da sua vivência particular. Mesmo que assim fosse na aparência, por sua forma pessoal de sentir, ele tem uma condição incomparável de estar no mundo, um modo incomum de decompor os elementos e os mecanismos da sensibilidade, uma forma de retirar a opacidade de que por vezes a realidade se reveste e dar-lhe uma nova visão, uma expressão iluminada.

Sem que se possa explicar perfeitamente, os poetas comungam de uma idéia diferenciada da verdade adotada pela maioria dos mortais. Eles têm em comum um olhar misterioso para a prática do cotidiano e a capacidade de, com um toque, algo quase intangível à sensibilidade normal, dar à rotina a aparência de extraordinário, com o fascínio da fantasia. Palavras transformadoras da realidade, capazes de cantar as dores da vida, os prazeres, a miséria, as alegrias do espírito, a volúpia, as torrentes do desconforto humano.

Ser poeta não é uma meta que se possa pretender atingir porque não depende de um fato anterior como a revelação científica, ou a filosófica. Ela é de ordem artística, transcendente.

No entanto, a arte do poeta expressa uma verdade universal, um sentido do real mais lato do que sua visão pessoal. Jacob Bronowski, em seus ensaios de O Olho Visionário, assim escreveu a este respeito:

*“Os poetas imaginativos, dentre os quais Blake foi um dos primeiros, acreditam que são o símbolo e a voz de experiências universais, mais duradouras do que os acidentes temporais. Os poetas de espírito e invenção da era que os ingleses chamam de Augustam...achariam essa pretensão uma extravagância. É duvidoso que ela seja proposta por poetas que se sintam à vontade na sua época. Contudo, certamente estão certos os poetas mais apaixonados: a poesia fala de uma época para outra porque se baseia em experiências que são simples, comuns, profundas – experiências humanas e universais...as experiências humanas intemporais não terminam no amor, na beleza, verdade e paixão. Elas abrangem a pobreza e o medo, a injustiça e a chicana, a perda de posição e os desastres sociais.”*

Verdades profundas as do filósofo anglo-polonês que, em outra passagem, completa o pensamento sobre o ideal poético e sua universalidade:

*“Na ciência, raciocinamos a partir de casos particulares para chegar a leis gerais, que supomos existir por trás desses casos; e embora não saibamos como chegamos às leis, sabemos muito bem como testá-las. Em um poema, contudo, a história específica e as imagens detalhadas nele contidas criam em nosso espírito um sentimento imediato do genérico. A experiência torna-se ampla e significativa justamente por pequenos toques, insignificantes. O particular parece transformar-se em geral por si mesmo: o deta-*

*...A poesia é outro modo de conhecimento. em que comungamos com o poeta, penetrando diretamente na sua experiência e na totalidade da experiência humana.”*

Voltamos a referir-nos ao mistério de ser poeta e ao fato de essa condição tocar o indivíduo em qualquer recanto do mundo, tenha estímulo do meio ou não. Como se observou anteriormente, a poesia prescinde da informação logo constitui uma outra via de acesso à verdade.

Pelo mistério da sua origem, que acha nascedouro, entre outras condições, numa sensibilidade diferenciada e num sentido estético aguçado, pode-se pensar que o envolvimento do poeta com a causa social é preferencialmente uma especulação ética do que de natureza artística.

Talvez o compromisso maior da poesia seja com a estética e, por tal razão, requeira, para alguns, uma certa introspecção, recolhimento, silêncio.

A esse propósito, o filósofo epistemologista francês Gaston Bachelard, que se dedicou ao estudo do imaginário, observou, em relação ao universo da poesia:

*“Enquanto todas as experiências metafísicas são preparadas por intermináveis prólogos, a poesia recusa preâmbulos, princípios, métodos, provas. Recusa a dúvida. No máximo, tem necessidade de um prelúdio de silêncio... Em todo verdadeiro poema é possível então encontrar os elementos de um tempo detido, de um tempo que não segue a medida, de um tempo que chamaremos de vertical para distingui-lo do tempo comum... A meta é a verticalidade, a profundidade ou a altura... O instante poético é, pois, necessariamente complexo: emociona, prova – convide, consola -, é espantoso e familiar.”*

No livro O Direito de Sonhar, o filósofo aprofundou-se um pouco mais e nos concedeu seu pensamento a respeito do instante poético.

*“O instante poético é essencialmente uma relação harmônica entre dois contrários. No instante apaixonado do poeta existe sempre um pouco de razão: na recusa racional permanece sempre um pouco de paixão. As antíteses sucessivas já agradam o poeta. Mas, para o arroubo, para o êxtase, é preciso que as antíteses se contraiam em ambivalência. Surge, então, o instante poético... No mínimo, o instante poético é a consciência de uma ambivalência... no instante poético o ser sobe ou desce, sem aceitar o tempo do mundo.”*

Senhores acadêmicos, senhoras e senhores,

o poeta é um ser fincado no mundo, enraizado entre os seus, e sua vivência cronológica não se extingue pelo término da vida, ou o testemunho de seus pares. Sua existência está registrada no papel, nos livros, nas estantes de bibliotecas para os que lhe haverão de seguir. Assim encontrei **Djalma Andrade**.

Hoje, aqui me traz o dever e a honra de falar sobre esse poeta de Minas Gerais, destacada e ilustre região do Brasil que, na condição de meu patrono, introduz-me nessa valorosa casa, a Academia de Letras e Ciências de São Lourenço.

Homem ilustre de seu tempo, **Djalma Andrade** nasceu em 1891 em Queluz, nas Minas Gerais, topônimo mais tarde alterado para Conselheiro Lafayete.

Bacharelou-se em Direito, em 1916, tendo iniciado o exercício da profissão na sua terra natal, onde, segundo os do seu tempo, atraía grande público ao tribunal, chegando a lotar suas dependências, graças ao brilho de sua oratória inflamada.

Já ao tempo de estudante, em Belo Horizonte, destacava-se dos demais e desenvolvia atividade cultural como redator de Vida de Minas e Vita, revista de arte.

Durante três anos foi correspondente em Minas Gerais do periódico Correio da Manhã.

No ano seguinte à sua formatura superior, em 1917, Djalma Andrade estreou na Literatura com um livro de trovas cívicas, Ditosa Pátria, em colaboração com Bernardo Guimarães Filho.

Passaram-se cinco anos para que saísse com novo livro. Em 1922, publicou Vinha Ressequida, pela Editora Monteiro Lobato, tendo obtido repercussão nacional.

Um período de quinze anos se passou até que, em 1937, lançasse Poemas de Ontem e de Hoje. Seguiram-se, Poemas para as Escolas e, em 1952, Versos Escolhidos e Epigramas.

Mais tarde, no quinquagésimo aniversário de fundação da cidade de Belo Horizonte, surgiu a primeira série da História Alegre de Belo Horizonte, que, durante anos seguidos, foi presença contínua no jornal Estado de Minas.

**Djalma Andrade** foi também radialista por cerca de quinze anos, na Rádio Inconfidência, e manteve um programa na TV Itacolomi.

A Academia Mineira de Letras, que tantos nomes ilustres acolheu ao longo de sua existência, contou com **Djalma Andrade** como um dos seus membros.

Sobre o autor, escreveu Agrippino Grieco na orelha da terceira edição de Versos Escolhidos e Epigramas: "Existem aí várias quadras, à altura de competir com as melhores dos portugueses das redondilhas, os Antônio Fogaca, os Gomes Leal, os Corrêa de Oliveira. São venenos adocicados que o artista acondicionou, com perícia mental e manual."

Esse breve registro ressalta, com primor, a inteligência de opiniões com que nos confrontamos quando se acessam os poemas de **Djalma Andrade**, sobretudo as quadras que aqui reproduzimos à guisa de uma pequena ilustração:

### **ENGANO**

Maria cheia de graça,  
Meu amor, minha tortura,  
Doiraste tanto a desgraça,  
Que eu supus fosse a ventura.

### **FEROCIDADE**

A sogra a campa visita  
Do genro – pobre rapaz!  
E, ao ler a inscrição, se irrita  
Por ver a palavra – Paz.

### **SATISFAÇÃO**

Eu te escolhi tal qual és,  
Quero-te assim, nunca mudes;  
Encantado por teus vícios,  
Nunca olhei tuas virtudes.

### **HIGIENE**

Hoje só sedas consome  
Essa mulata supimpa:  
- Depois que sujou o nome  
É que ela vive mais limpa.

### **NULIDADE**

O homem tem grande horror  
Ao vácuo, já descobri,  
Quando ele se vê vazio,  
Enche-se todo de si.

### **SABEDORIA**

Só de dois modos a gente  
É, neste mundo, infeliz:  
- Quando não tem o que quer,  
Quando possui o que quis.



## LEVIANA

Tua modista, senhora,  
Mostrou ter grande talento,  
Prendendo um chapéu de plumas  
Numa cabeça de vento.

A palavra, instrumento maior de todo poeta e, muitas vezes, tema abordado com reverência, também foi fonte de inspiração do poeta mineiro, em um soneto dedicado ao filho, como se legado fosse:

No princípio era o verbo e, em seguida,  
Nada se achou de mais sublime efeito:  
- Que tu tenhas, meu filho, nesta vida,  
Pela palavra, o máximo respeito.

Faz que ela seja clara e revestida  
De alta elegância, de tal arte e jeito  
Que, pela graça, seja sempre ouvida  
E meditada pelo seu conceito.  
Torna a palavra majestosa e augusta,  
Que a idéia é linda quando a frase a toca  
Em cada termo uma fulguração!

Busca, ao falares, a expressão mais justa,  
E que a palavra só te venha à boca  
Trazendo o gosto de teu coração.

Contudo, é pelo senso crítico que não chega a ser cruel, mas jocoso, que **Djalma Andrade** mais se aproxima do gracioso registro das observações distraídas e das sutilezas tão gratas ao brasileiro comum.

## **BEATA**

Beata que a língua atijas  
Sobre nobres corações:  
Depois de papar três missas,  
Papás dez reputações.

Quando a tua língua arremessas,  
Corre um pavor pelos ares:  
Cortas o ouro das ecas  
Mais as rendas dos altares!

Fazes da igreja a tua arena,  
Quando entras, que burburinho!  
Foge de ti Madalena,  
São João guarda o carneirinho.

São José, velho, tropeça  
Na tremenda confusão,  
São Pedro esconde, depressa,  
As chaves que tem na mão.

Quando comungas, com efeito,  
Brilham muito os olhos teus:  
É que achaste o único jeito  
De meter a língua em Deus...

Crítico de costumes, não deixa escapar as coisas, os usos e as gentes do Brasil:

## **BRASIL**

A gente fala, protesta:  
- Nesta terra nada presta,  
O povo é lerdo, indolente...  
É a farra, ninguém trabalha,  
A peste a pátria amortalha  
Sob o sol rude, inclemente...

A lei é mito, pilhéria...  
Ninguém liga a coisa séria,  
Não há remédio, é de raça...  
A vida se desbarata:  
O pinho, a cuíca, a mulata,  
O amarelão, a cachaça...

A gente murmura, fala,  
Velhos defeitos propala  
Em linguagem rude e vil:  
- É a terra pior do mundo!  
Mas no fundo, bem no fundo,  
Quanto amor pelo Brasil!

Tudo da boca p'ra fora!  
Porque, cá dentro, ele mora.  
Cá dentro é que a gente o sente...  
Meu Brasil atrapalhado,  
Meu Brasil confuso e errado.  
Você vê que o povo mente.

Você vê que a gente grita.  
Mas vê, também, que é infinita  
Esta paixão por você...  
Se a bandeira se levanta,  
Lá vem o nó na garganta,  
É você sabe por que...

Você sabe e não se importa.  
A nossa injúria suporta  
É a nossa lábia também...  
Deixe que xingue, que bata.  
A gente fere e maltrata,  
Quase sempre a quem quer bem.

Meu Brasil, aqui baixinho,  
Oíca, sou todo carinho,

E a minha alma você vê...  
Qualquer perigo que corra,  
Se for preciso que eu morra,  
Eu morrerei por você...

O poeta também é subordinado ao tempo comum, amadurece, aprofunda-se, percebe a brevidade ilusória da vida. Num belo soneto, desfralda a sabedoria dos anos que se passaram e, encorajado por humildade sincera e piedade crista, escreve:

### **ATO DE CARIDADE**

Que eu faça o bem e de tal modo o faça,  
Que ninguém saiba o quanto me custou.  
- Mãe, espero em ti mais esta graça:  
- Que eu seja bom sem parecer que o sou.

Que o pouco que me dês me satisfaça,  
E se, do pouco mesmo, algum sobrou,  
Que eu leve esta migalha onde a desgraça  
Inesperadamente penetrou.

Que a minha mesa, a mais, tenha um talher,  
Que será, minha mãe, Senhora nossa,  
Para o pobre faminto que vier.

Que eu transponha tropeços e embaracos:  
Que eu não coma, sozinho, o pão que possa  
Ser partido, por mim, em dois pedacos.

Senhora Presidente, Senhoras e Senhores

o destino concedeu-me o raro privilégio de estar entre vós, tantos reconhecidos valores, e novos escritores que despontam com o brilho de terem suas palavras agraciadas com prêmios, em tão concorrido certame, o 10º Concurso Nacional de Obras Publicadas, patrocinado pela Academia de Letras e Ciências de São Lourenço.

Regozijo-me e agradeço a Deus a ocasião de, nesta tão festiva tarde, receber, também, o prêmio *Opun Concours* de Poesia, no referido concurso.

Desejo, neste momento, reverenciar a memória de meu Pai, o português beirão, José da Fonseca Rosário Dias, que me deu a condição para que aqui esteja e a ele dedico e transfiro a homenagem que agora recebo.

Termino dizendo que me rejubilo da vossa companhia, que para sempre vêm de me conceder a honra, ao me outorgarem a cadeira de número setenta e, por tal modo, sou grata a Deus.